

“A GENTE VÊ POR AQUI”: FRONTEIRAS DA CONTEMPORANEIDADE NA GRAMATICALIZAÇÃO DE UMA FORMA PRONOMINAL

Francisca Paula Soares Maia
Doutoranda/ Universidade Federal de Minas Gerais

Introdução

A expressão *a gente*¹, presente em *A gente vê por aqui*, conhecida chamada de uma emissora de TV, nem sempre se referiu à 1ª pessoa do plural no discurso. A forma contemporânea *a gente*, atualmente usada como forma pronominal para a expressão da *pessoa do falante + alguém* no discurso, tem sua origem no latim *gens, gentis*.

Originariamente *gens, gentis* significa “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade” (LOPES, 1999). Carrega, nesse primeiro momento, grande carga semântica de referência genérica.

Por sua vez, a *transição* da forma lexical latina até a forma pronominal contemporânea é marcada pela manutenção de uma referência [+genérica].

Foi Meillet (1948: 131) quem primeiro utilizou o termo *gramaticalização* para referir-se a essa “transição gradual de *palavras principais* para *palavras acessórias* e, enfim, para *palavras gramaticais* em estágios de uma língua”. Vitral & Ramos (2007: 13) formalizam a gramaticalização como um processo em que...

...itens pertencentes às categorias *de conteúdo lexical*, como verbos e adjetivos, passam a fazer parte de categorias *vazias de conteúdo lexical*, como auxiliares e certas preposições; e, em seguida, transformam-se em clíticos e afixos, antes de desaparecerem completamente.

A visão da gramaticalização como constituída por processos essencialmente diacrônicos e previsíveis já aparece em Hopper e Traugott (1993):

(1) item lexical > item gramatical > clítico > afixo

¹ Meus agradecimentos aos meus orientadores, Jânia, mestrado e Lorenzo, doutorado, com quem aprendo mais a cada dia sobre a gramaticalização pronominal no dialeto mineiro do PB.

Conforme apresentado em (1), a gramaticalização é vista como *unidirecional*, ou seja, uma vez iniciada uma etapa do processo, não há retorno ao estágio anterior. O processo avançaria apenas da esquerda para a direita no percurso acima, isto é, da forma livre para a forma clítica, desta para o afixo, até o total esvaziamento. Vitral & Ramos (op.cit.: 20) afirmam que “quanto mais à direita², maior o esvaziamento semântico” de um item.

Segundo VITRAL (2006), para a identificação de um processo de gramaticalização é necessário que se observe três critérios: (i) sintáticos; (ii) morfofonéticos e (iii) semânticos. Este último será o foco deste artigo.

2. A gente: do século XIII ao período contemporâneo

Lopes (1999) estuda a implementação da forma *a gente* no sistema pronominal do Português. Faz estudos no tempo real de longa e de curta duração. O primeiro tem como fonte textos escritos do século XIII ao XX, incluindo dados do Português Europeu, de Moçambique e do Brasil. O estudo sincrônico, em tempo real de curta duração, tem como fonte entrevistas do Projeto NURC / RJ feitas nas décadas de 70 e de 90.

Ao realizar investigação sobre a mudança categorial de *gente* (nome) > *a gente* (pronome) a autora busca verificar as propriedades dessas classes que se mantiveram, e as que sofreram alterações. Demonstra em uma análise bem detalhada que “o substantivo *gente* ao assumir, em certos contextos, determinadas propriedades, passou a fazer parte de outra classe (perde características lexicais tornando-se mais gramatical” (*ibid.*: 26). Propõe o seguinte percurso:

(2) *Gente* [nome genérico] → *a gente* [pronome indefinido] → *a gente*
[pronome pessoal] (*ibid.*: 9)

Martelotta *et alii* (1996: 46) define *tornar-se mais gramatical* como “passar a assumir posições mais fixas nas sentenças, tornando-se mais previsível em termos de uso”.

Desse modo, a evolução diacrônica da forma lexical *gente* é investigada por Lopes (*id.*) quanto aos traços de *gênero, número e pessoa*. Os exemplos a seguir demonstram esse processo:

² Os autores referem-se ao percurso apresentado em (1).

(3) "Quen viu o mundo qual o eu já vi,
e viu *as gentes* que eram entom,
e viu aquesa que agora son, " (Séc XIII; *apud* Lopes, 1999:116)

(4) "e suas *gentes* foram logo juntas com el" (Séc. XV; *ibd.*:80)

(5) "Vertasilimis fez folgar sua *gente* ao pé do monte que vinham cansados
(Séc. XV; *ibd*)

As ocorrências acima permitem observar que a forma *gente* apresentava flexão de número e de gênero: *as gentes* / *sua gente* / *suas gentes* ; apresentando, portanto, comportamento morfossintático de forma lexical substantiva.

Por sua vez, para a afirmação de tratar-se de forma substantiva ou pronominal a autora realiza cruzamento dos fatores *interpretação semântica*, e apresenta as três possibilidades interpretativas abaixo:

(6) *como sinônimo de "pessoas"*:

(33) "eu conheço bastante *gente* que mora em casa, aqui no Rio não, geralmente o pessoal mora em apartamento" (AC012, NURC/RJ)

(7) *como variante de "nós" [+específico]*:

(34) "e no entanto, graças a Deus, todos, eu assim fui criada, dentro duma casa com muito respeito e ela também, meu pai também era a mesma coisa, *a gente* lá em casa não ouvia nada, credo! (.)" (PE, inq0248, M3)

(8) *como sujeito indeterminado ou "nós" [+genérico]*:

(35) "apesar de eu dar aula pra segundo grau e, teoricamente, *a gente* espera que os alunos mais maduros, né, você ainda pega muita, muita infantilidade (AC01, NURC-RJ, H1)

De acordo com os exemplos acima a forma pronominal a *gente* ocorre como sinônimo de *pessoas* em (6) e como variante de *nós* em (7) e (8), apresentando uma gradência no grau de referência, de [+específico] a [+genérico]. É de se ressaltar ainda o fato que, "antes de se *crystalizar* como *a gente* pronominal, o substantivo ocorria precedido – ou não – de artigo definido" (*ibd.*: 68).

Feita a cronologia de (*a*) *gente* em tempo real de longa duração, Lopes (*ibd.*: 77-78) conclui que :

O processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, uma vez que só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome no século XVIII. Antes disso, há exemplos esporádicos em que a forma *a gente* apresenta ambigüidade interpretativa, ou seja, tanto pode ser considerada sinônimo de “pessoas” quanto variante de *nós*.

A conclusão da autora aponta para duas características inerentes ao processo de gramaticalização importantes para a compreensão da chamada *A gente vê por aqui*: a *continuidade* (percurso da mudança) e o *gradualismo* (ou *persistência*), o qual será abordado mais adiante.

4. O espaço da referência na gramaticalização de *a gente* no dialeto mineiro

A característica genérica da forma lexical *gente* levou vários pesquisadores a utilizarem o fator lingüístico referência [\pm genérica] ao observar a variação entre as formas pronominais ‘*nós*’ e ‘*a gente*’ na língua portuguesa falada no Brasil (Abraçado, 1991; Menón, 1994; 1995; 1996; Omena, 1996; Lopes, 1999; Zilles, 2002; Maia, 2003; dentre outros).

Admitir que a forma *a gente* é uma variante da forma pronominal *nós* é reconhecer que *nós* como “plural de eu” pode se referir a: eu + tu / você; eu + ele / ela; eu + vós / vocês; eu + eles / elas; eu + todos; ou ainda ao “eu-ampliado” (cf. Benveniste, 1988). Verifica-se que a forma plural refere-se ao conjunto “*pessoa que fala*” + “*com quem se fala*”, podendo apresentar um valor “indeterminado, abrangente, genérico e até difuso”, conforme visto em Lopes (1999: 10).

Maia (2003) realiza análise das ocorrências de *nós* e *a gente* no dialeto mineiro dentro da Teoria da Variação, que concebe a língua como um sistema heterogêneo do qual a variação é parte inerente (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1972a, 1972b). Utiliza dois *corpora* de entrevistas sociolingüísticas individuais. Um, com falantes de uma comunidade rural mineira: a comunidade de Pombal. O outro *corpus* reúne entrevistas sociolingüísticas individuais com 12 informantes de Belo Horizonte. Estas entrevistas são representativas da fala urbana mineira e pertencem ao banco de dados da “Fala Belo-horizontina”³.

³ Esse banco de dados pertence ao Núcleo de Pesquisas em Variação Lingüística, coordenado pela Profa. Dra. Jânia Ramos.

Dentre os fatores selecionados como significativo na variação *nós / a gente* no dialeto mineiro está a Referência [\pm genérica], conforme exemplos a seguir:

(9) Não aqui o... o lote era do meu cunhado. Meu cunhado era solteiro aí fez a casa dele e eu fiz a minha. Aliás depois ele ainda vendeu a dele para minha filha e hoje *a gente* mora tudo junto por bem dizer.
(L.C., 69, f3, bh)

(10) *A gente* tem que ouvi os conselho bom, antigo...
(Cl, 74, f3, bh)

Em (9) há inclusão do falante e de outra(s) pessoa(s), portanto, é de referência [-genérica]; por outro lado, em (10) podem ser feitas as seguintes paráfrases:

(11)a. Tem-*se* que ouvi os conselho bom, antigo...

b. *Qualquer pessoa* tem que ouvi os conselho bom, antigo..

c. *A pessoa* tem que ouvi os conselho bom, antigo...

Dessa forma, (11) é forma de referência [+genérica].

(12) "Agora tô morando aqui. Tenho cinco fio. Meu marido fez a casa. Ajudamo.(...) Mas é *nóis* tudo ajudano. A cunhada *nóis* tudo ajudano a construí.(R.C., 35, f1,Pb)

(13) "*nós* num temo um posto policial"(A.L.,44,f2,bh)

Em (12) há inclusão do falante e de outra (s) pessoa (s), portanto, é de referência [-genérica]; por sua vez, (13) permite a paráfrase:

(14)a. Não *se* tem um posto policial.

b. A pessoa não tem um posto policial.

c. Ninguém tem um posto policial.

Como se pode ver, os exemplos de (9) a (14) mostram claramente que tanto com a forma *a gente*, quanto com a forma *nós* ocorre a referência genérica. Este fato é importante, pois permite a afirmação de que as formas *nós / a gente* são duas variantes, com o mesmo valor de verdade (cf. Labov, 1972a). A tabela abaixo põe em evidência o fato de que havia

um espaço para a referência genérica na forma pronominal *nós* que permitiu a entrada da forma lexical *a gente* em seu domínio discursivo.

NÓS			
Referência	N0.	%	P.R.
[-genérica]	246 / 457	53	.56
[+genérica]	67 / 215	31	.35
Total	313 / 672	46	

Tabela 1- Distribuição de *nós* segundo referência [\pm genérica]

A tabela 1 confirma a hipótese de que a variante *nós* não é favorecida pelo traço [+Ref+Gen] : 31% dos casos (peso relativo .34). Entretanto, esses valores revelam que há um espaço para a referência genérica no uso da variante *nós*. (Cf. Menón, 1994 ; Coveney, 2000). Traço coincidente com a história da variante *a gente*, conforme apresentado em Lopes (1999) e que favoreceu, juntamente com outros fatores⁴, que a forma *a gente* passasse a ocupar o espaço pronominal de 1ª. pessoa do plural dominado pela forma *nós*.

5. “A gente vê por aqui”: o princípio da persistência

Conforme exposição feita sobre o percurso da forma lexical *gente* em direção à forma pronominal de 1ª. pessoa do plural *a gente*, é possível observar que a característica de referência genérica se mantém. Esse fato pode ser relacionado a um dos princípios da gramaticalização apontados por Hopper (1991)⁵: o princípio da *persistência*.

Em “A gente vê por aqui” esse princípio fica em evidência quando é possível atribuir-se a essa chamada da emissora de televisão os seguintes significados:

(15) Eu, emissor, e tu / você, telespectador, vemos por aqui.

(16) Eu, emissor e todas as demais pessoas, incluindo tu / você,

⁴ Os outros fatores selecionados como significativos pelo Goldvarb 2001 em Maia (2003) não serão abordados aqui por não serem de natureza semântica.

⁵ Hopper (1991) aponta cinco princípios: *layering*, divergência, especialização, persistência e decategorização (cf. Omena, 1996).

telespectador, vemos por aqui.

(17) As pessoas vêm por aqui.

Em (15) depreende-se que a forma *a gente* refere-se ao conjunto “*pessoa que fala*”(eu) / *emissora de tv* + “*com quem se fala*”(tu / você) / *telespectador*; em (16) pode-se dizer que a forma *a gente* continua apresentando a “*pessoa que fala*”, porém somada a um “*com quem se fala*” mais abrangente (demais telespectadores); sendo o destinatário imediato (tu / você) incluído; e, em (17) tem-se a ausência do traço [+EU] da “*pessoa que fala*”, caracterizando o grau máximo de referência genérica, o qual remete à forma *gente* (= *povo, pessoas de uma comunidade*). É explorada então a origem da forma *a gente*, visto que “a idéia de coletividade do substantivo *gente* contribui para uma referência indeterminadora” (Omena, *id.*: 80). A expressão de *a gente* está voltada assim, em (17) para um interlocutor fora do processo de interlocução que se dá entre o eu / *emissora e o tu* (você) / *telespectador*.

Os sentidos atribuídos a “A gente vê por aqui” em (15), (16) e (17) só são possíveis devido ao princípio da *persistência* na gramaticalização da forma *a gente*, o qual “remete à manutenção, conservação [...] de alguns traços semânticos da forma fonte” (*ibid.*).

Conclusão

Para análise da ambigüidade na expressão “A gente vê por aqui”, utilizada como chamada por uma emissora de televisão, retomaram-se aqui os conceitos de gramaticalização: surgimento, trajetória metodológica e prática contemporânea. Do mesmo modo, a fim de se explicitar a ambigüidade no uso da forma pronominal contemporânea *a gente*, foi descrita a sua origem e foram feitas relações a fatores semânticos que tornaram possível sua entrada no espaço pronominal dominado pela forma *nós*.

De acordo com a trajetória apresentada por Lopes (1999) e dados confirmadores de Maia (2003), foi a partir de uma origem embasada na referência genérica, juntamente com um espaço para a referência genérica presente na forma *nós*, que a forma lexical *a gente* pôde se tornar forma gramatical, pronome, de 1ª. pessoa do plural, entendido aqui, não como *eu + tu / você*; mas como *pessoa que fala + com quem se fala*.

Abstract:

This study provides an analysis of the pronominal form a gente at Minas Gerais' speech. The first view is about the gramaticalization process through which the lexical form a gente has changed into the grammatical form a gente. Second, it is shown the ambiguity between lexical and grammatical form a gente.

Referências

- ABRAÇADO, Almeida; Maria Jussara. *Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: causas e conseqüências*. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) _ Faculdade de Letra, UFMG, Belo Horizonte.
- COVENEY, Aidan. *Vestiges of nous and the 1st person plural verb in informal spoken French*. Languages Science 22. Department of French, University of Exeter, Exeter. 2000. p.447-481.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elisabeth & HEINE, Bernd. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. John Benjamins Company. Philadelphia. 1991.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elisabeth. *Grammaticalization*. Cambridge University Press. Cambridge. 1993.
- LABOV, William. Sociolinguistic patterns. *Conduct and Communication*, n 04, Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972a.
- _____. *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press. 1972b.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) _ Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
- MAIA, Francisca Paula Soares. *A variação nós e a gente no dialeto mineiro: investigando a transição*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) _ Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. *et alii* (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Departamento de Linguística e Filologia / UFRJ. 1996.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948.
- MENÓN, Odete da Silva. *Analyse sociolinguistique de l'indetermination du sujet dans le portugais parle au Bresil, a partir des donnes du NURC- SP*. 1994. Tese (Doutorado) Departement de Recherches Linguistiques, Universit Paris VII.
- _____. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Faculdade de Letras, Curitiba: Ed. da UFPR, n 44, 1995. p 91-106.
- _____. A gente: um processo de gramaticalização. *Estudos lingüísticos*, XXV Anais de Seminários do GEL. Taubaté: UNITAU/ CNPq/ GEL, p 622-628, 1996.
- OMENA, Nelize Pereira; BRAGA, Maria Luiza. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia Nívia ; MOLLICA, Maria Cecília (orgs). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- VITRAL, Lorenzo Teixeira. *Identificando clíticos: evidências fonéticas*. In: VITRAL, Lorenzo Teixeira & RAMOS, Jânia Martins. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Tempo Brasileiro. Belo Horizonte. 2006.
- VITRAL, Lorenzo Teixeira & RAMOS, Jânia Martins. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Tempo Brasileiro. Belo Horizonte. 2006.

REVISTA MEMENTO

N. 2, v. 1, jul.-ago. 2009

Revista do Mestrado em Letras *Linguagem, Discurso e Cultura* - UNINCOR

ISSN 1807-9717

WEIREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marwin. Empirical foundations for a theory of language. In: MALKIEL (eds). *Perspective on historical linguistics*. Amsterdam: Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1968. p 97-193.

ZILLES, Ana Maria Stahl. Gramaticalization of 'a gente' in brazilian Portuguese. U. Penn Working Papers Linguistics, v 8-3, 2002.